

O *bullying* na primeira infância: revisão integrativa da literatura

Bullying in early childhood: integrative literature review

Bullying en la primera infancia: revisión integradora de la literatura

Aline Oliveira Paulino dos Santos

Graduanda na Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

E-mail: alineoliveirap@usp.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1575-4062>

Jennifer Stephanie Marques Hilario

Mestre em Ciências pela Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

E-mail: jsmhilario@outlook.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5541-6546>

Rosane Meire Munhak Silva

Professora adjunta na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, PR, Brasil

E-mail: zanem2010@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3355-0132>

Marta Angélica Iossi Silva

Professora associada na Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

E-mail: maioffi@eerp.usp.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9967-8158>

Débora Falleiros de Mello

Professora titular na Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

E-mail: defmello@eerp.usp.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5359-9780>

Recebido em 19 de outubro de 2020

Aprovado em 04 de janeiro de 2021

Publicado em 20 de janeiro de 2021

RESUMO

Identificar evidências científicas sobre as repercussões do *bullying* na primeira infância. Revisão integrativa da literatura que analisou 13 artigos, das bases de dados PUBMED/MEDLINE, LILACS, CINAHL, Web of Science e PSYCOINFO a partir das palavras-chave criança, *bullying* e desenvolvimento infantil, no período 2009 a 2019, nos idiomas português e inglês. As informações foram agrupadas nas categorias temáticas: *Bullying* na primeira infância: aspectos relacionais e contextuais; Cuidados parentais adversos e interações agressivas; *Bullying* em crianças em circunstâncias específicas. As questões que envolvem o *bullying* na primeira infância podem ter repercussões ligadas ao processo de estresse tóxico e no desenvolvimento da criança em longo alcance. Deste modo, os cuidadores parentais, educadores e profissionais da saúde devem reconhecer o impacto gerado pelo *bullying* na primeira infância e, assim, incrementar medidas de proteção e prevenção, que são essenciais tanto em contextos familiares quanto na área da saúde e da educação.

Palavras-chave: Criança; Bullying; Desenvolvimento infantil.

ABSTRACT

Identify available scientific evidence about on the repercussions of bullying in early childhood. Integrative literature review that analyzed 13 articles from the PUBMED/MEDLINE, LILACS, CINAHL, Web of Science and PSYCOINFO databases based on the keywords child, bullying and child development, in the period 2009 to 2019, in Portuguese and English. The information was grouped into the thematic categories: Bullying in early childhood: relational and contextual aspects; Adverse parenting and aggressive interactions; Bullying in children in specific circumstances. Issues involving bullying in early childhood can have repercussions related to the process of toxic stress and the long-term development of the child. Thus, parental caregivers, educators and health professionals must recognize the impact generated by bullying in early childhood and, thus, increase protection and prevention measures, which are essential both in family contexts and in the area of health and education.

Keywords: Child; Bullying; Child development.

RESUMEN

Identificar evidencias científicas sobre como repercusiones del *bullying* en la primera infancia. Revisión de literatura integradora que analizó 13 artículos de las bases de datos PUBMED/MEDLINE, LILACS, CINAHL, Web of Science y PSYCOINFO en base a las palabras clave niño, *bullying* y desarrollo infantil, en el período 2009 a 2019, en portugués e inglés. La información se agrupa en las categorías temáticas: *Bullying* en la primera infancia: aspectos relacionados con el contexto; Crianza adversa e interacciones agresivas; *Bullying* en niños en circunstancias específicas. Los problemas relacionados con el acoso en la primera infancia pueden tener repercusiones relacionadas con el proceso de estrés tóxico y el desarrollo a largo plazo del niño. Así, los padres cuidadores, educadores y profesionales de la salud deben reconocer el impacto que genera el acoso en la primera infancia y, así, incrementar las medidas de protección y prevención, fundamentales tanto en los contextos familiares como en el ámbito de la salud y la educación.

Palabras clave: Niño; *Bullying*; Desarrollo infantil.

Introdução

A primeira infância, etapa do nascimento aos seis anos de idade, é um período de extrema relevância para o desenvolvimento humano, significativo para formar as estruturas e funções cerebrais que possibilitam o aperfeiçoamento futuro de habilidades complexas (SHONKOFF, 2011). Os primeiros anos de vida da criança são fundamentais para seu desenvolvimento físico, emocional, cognitivo e cultural (SHONKOFF, 2011).

O desenvolvimento infantil é um processo que envolve o crescimento físico, a maturação neurológica, comportamental, cognitiva, social e afetiva, e se ocorrer em circunstâncias adequadas gera competências às crianças para responder às necessidades

individuais e sociais, considerando o seu contexto de vida (MOORE et al., 2017). Por sua vez, é construído a partir das interações com outras pessoas e é dependente de relações e ambientes sócio afetivos qualificados e estimulantes, o que contribui para o desenvolvimento da sua competência social, o seu bem-estar, o aprendizado e a apreensão de novas habilidades (SHONKOFF; BOYCE; MCEWEN, 2009; SHONKOFF, 2011).

Evidências científicas apontam que uma criança sem acesso a cuidadores sensíveis e atenciosos apresenta risco maior de ativação permanente das respostas do cérebro ao estresse (SHONKOFF; BOYCE; MCEWEN, 2009; SHONKOFF, 2011). A frequência de eventos como este pode prejudicar os circuitos neurais responsáveis pela aprendizagem e pela memória e levar a uma maior suscetibilidade a doenças relacionadas ao estresse, que afetam tanto a saúde física quanto mental (SHONKOFF; BOYCE; MCEWEN, 2009).

O aprofundamento da qualidade das relações e do desenvolvimento da vida social é de extrema importância para o ser humano. Nesse sentido, cabe apontar a necessidade de ampliar o entendimento do desenvolvimento social da criança quando outros fatores são agregados, como as situações que envolvem o *bullying* nos primeiros anos de vida.

O fenômeno do *bullying* é caracterizado como um processo de violência, multidimensional e relacional entre pares, que pode ocorrer de forma intencional, repetitiva e sem motivação aparente, demarcado pelo desequilíbrio e abuso sistemático de poder entre agressor e vítima, e amplamente prevalente no contexto escolar (OLWEUS, 2013; THOMAS et al., 2017). Pode ser tipificado em relação à ocorrência física (bater, chutar, beliscar), verbal (humilhar, apelidar, xingar, zoar, insultar), moral (difamar, discriminar, disseminar fofocas ou mentiras), psicológica (intimidar, ameaçar, perseguir, excluir), virtual ou *cyberbullying* (difamar, humilhar, zoar, insultar, ofender através da internet ou de outras tecnologias relacionadas ao mundo virtual). E os papéis desempenhados diante do *bullying* podem ser classificados em vítimas, agressores, observadores ou testemunhas e vítimas-agressores (SCHULTZ et al., 2012; OLWEUS, 2013).

Alguns problemas psicossociais vinculados às situações do *bullying* já foram descritos em crianças, que ficam suscetíveis a desenvolver inquietação, ansiedade, depressão, pânico, insônia, estresse, ideação suicida, dor de cabeça, problemas gástricos, entre outros, trazendo danos à saúde física, mental e interferindo em seu pleno desenvolvimento (OLWEUS, 2013; IBEZIAKO et al., 2016). Estudos com adolescentes vítimas de *bullying* mostraram maiores taxas de tabagismo, etilismo, drogadição e comportamento suicida (FLEMING; JACOBSEN, 2010; BARSILAY et al., 2017). Essa sequência de distúrbios foi

apontada como fator que interfere no processo ensino-aprendizado e diretamente na saúde desses indivíduos (MELLO et al., 2017).

Crianças e adolescentes vítimas de *bullying* podem apresentar mais sintomas emocionais, dificultando o desenvolvimento de suas habilidades sociais até a idade adulta (KONTAK et al., 2019). Outrossim, as habilidades sociais contribuem para que o indivíduo adquira competência para o desenvolvimento de tarefas, resolução de conflitos, controle emocional, e melhoria na aceitação pelos pares (SILVA et al., 2018). Além disso, pesquisadores indicam que a redução das ocorrências de *bullying* pode ocorrer a partir do trabalho conjunto entre família-escola, respeito aos direitos de todos, criação de diferentes espaços para crianças e adolescentes se expressarem, combate a qualquer tipo de discriminação, estímulo às relações seguras, estáveis e amparadoras entre crianças-pais-cuidadores, e pelo desenvolvimento das habilidades de vida em crianças e adolescentes (OLWEUS, 1993; ZYCH et al., 2017).

No Brasil, a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), realizada no ano de 2015, evidenciou que estudantes vítimas de *bullying* apresentavam maior prevalência de insônia, solidão, menos amigos e faltavam mais às aulas em comparação com os estudantes não vítimas (SILVA et al., 2017).

Conhecer e compreender as repercussões do *bullying* na primeira infância também contribui para a implementação de intervenções contextualizadas e mais eficazes. Estudos demonstram que intervenções que englobam diferentes perspectivas sociais, educacionais, familiares e individuais, ou seja, que além da abordagem individual, incluem as famílias, as equipes interprofissionais e sua formação, e o suporte individual e coletivo para os envolvidos, têm maior efetividade (FREIRE; AIRES, 2012; SILVA et al., 2017). Assim, o *bullying* pode se constituir em um fator que afeta negativamente o desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes, especialmente das vítimas, o que torna imprescindível a sua compreensão, especialmente na infância.

Dados do *National Center for Education Statistics* (2016) mostram que uma a cada cinco crianças ou adolescentes, entre 12 e 18 anos, relataram ter sido vítimas de *bullying*, todavia, para as crianças de menor idade, esses dados tornam-se mais desafiadores, considerando as dificuldades para sua identificação ainda na primeira infância. Frente à relevância que os primeiros anos de vida têm para o desenvolvimento de habilidades sociais, cabe identificar elementos apontados na literatura científica de situações adversas precoces que podem configurar *bullying* na primeira infância, já que o tema vem sendo mais

investigado em crianças em idade escolar e adolescentes. Assim, é relevante o aprofundamento do tema, com o propósito de analisar lacunas dos conhecimentos científicos e apreender evidências relevantes para a promoção do desenvolvimento adequado na primeira infância.

O presente estudo objetivou identificar evidências científicas sobre as repercussões do *bullying* na primeira infância.

Método

Este estudo configura uma revisão integrativa, como um método de pesquisa constituído em análise da literatura científica sobre o *bullying* na primeira infância.

A revisão integrativa é um método que requer critérios na seleção da literatura a ser incluída na revisão, um processo estruturado com análise crítica dos resultados, visando ampliar a compreensão de um tema particular. Esse tipo de revisão inclui seis etapas: identificação do tema e seleção da questão de pesquisa, estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão de estudos/busca na literatura, categorização dos dados, avaliação dos estudos incluídos na revisão, interpretação dos resultados e apresentação da revisão/síntese do conhecimento (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

A primeira etapa da revisão abordou a definição do problema, com a identificação do tema e seleção da questão da pesquisa, utilizando-se a estratégia PICo - acrônimo que representa “Paciente”, “Intervenção” e “Comparação/Desfecho”. Dessa forma, para designar paciente ou problema (P): Criança; para intervenção (I): Desenvolvimento Infantil; e para desfecho (Co): *Bullying*. Assim, a questão norteadora adotada foi: “Quais são as evidências disponíveis na literatura científica sobre o *bullying* na primeira infância e suas repercussões no desenvolvimento de crianças menores de seis anos de idade?”.

Para garantir a qualidade da pesquisa, foram selecionadas bases de dados com confiabilidade científica, elegendo-se: PubMed/MEDLINE, LILACS, CINAHL, Web of Science e PSYCOINFO. Para a busca foram utilizadas as palavras-chave: criança, desenvolvimento infantil, *child*, *child development* e *bullying*, combinadas de diferentes formas e realizadas em seis buscas diferentes.

Na definição da estratégia de busca, foi realizada a combinação dos operadores booleanos por meio dos conectores “AND” (combinação restritiva) com as palavras-chave relacionadas aos elementos da estratégia PICo, para ampliar o levantamento nas bases de dados e truncamentos para compor o cruzamento das buscas. Foram utilizadas as

<http://dx.doi.org/10.5902/1984686X61983>

seguintes combinações: *child* AND *bullying*, criança AND *bullying* e *child* AND *bullying* AND *child development*. Os filtros utilizados para a busca em cada base de dados estão descritos no Quadro 1.

Quadro 1 - Distribuição dos filtros utilizados para a busca dos artigos em cada base de dados. Ribeirão Preto, SP, Brasil, 2020.

Base de Dados	Filtros
Pubmed	- Texto completo; - Período 2009 e 2019; - Idioma inglês ou português; - Denominações: recém-nascido (28 dias), bebê (1-23 meses), criança pré-escolar (2 a 5 anos de idade)
LILACS	- Sem opção de filtros
CINAHL	- Texto completo; - Período 2009 e 2019; - Revista acadêmica; - Idade: <i>child</i> e <i>preschool</i> (2-5 years), <i>infant</i> (1-23 months), <i>newborn</i> (birth-1 month); - Idioma inglês
Web of Science	- Período 2009 e 2019; - Idioma inglês; - Tipo de documento: artigo e acesso aberto
PSYCOINFO	- Idade neonatal (nascimento–1 mês), infância (2-23 meses), pré-escolar (2-5 anos); - Tipo de documento: artigo de jornal/periódico/revista científica); - Período 2009 e 2019

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Para a seleção dos estudos, foram aplicados os critérios de inclusão: resumos e artigos disponíveis; idioma de publicação português e inglês, entre 2009 e 2019; e crianças menores de seis anos de idade. Excluíram-se os estudos que não apresentava resumo disponível e acesso online livre na íntegra; não ter em seus resultados contribuições para as perguntas estabelecidas na revisão; não possuir o caminho metodológico claramente descrito, revisões de literatura, dissertações, teses, livros e capítulos de livros.

A delimitação do período de busca justifica-se por seu objeto de investigação, que sofre transformações continuamente, e por considerar a relevância de incluir os estudos originais publicados mais recentemente e ainda pouco explorados. Assim, foram incluídos nesta revisão estudos originais, publicados na íntegra em periódicos científicos, revisados por pares, com crianças menores de seis anos de idade, abordagem sobre *bullying* na primeira infância e que apresentaram a repercussão do *bullying* ao desenvolvimento da criança. Abordagens quantitativas e qualitativas foram consideradas com o objetivo de abranger a diversidade da repercussão que o *bullying* traz nesta faixa etária.

A seleção dos estudos foi realizada no período de janeiro a agosto de 2020, por dois pesquisadores. Os estudos que atenderam os critérios de inclusão foram submetidos à

leitura minuciosa destacando a temática abordada, ano de publicação, idioma, objetivos, metodologia, resultados e conclusões. A análise dos estudos originais foi fundamentada nos seguintes itens: conter questão da pesquisa, fundamentação teórico-metodológica, justificativa e relevância do estudo, aporte da literatura científica de outras pesquisas já realizadas, metodologia do estudo pertinente, seleção dos participantes, respostas à questão da pesquisa, e apontamentos de futuras pesquisas (BEYEA; NICOLL, 1998). Desse modo, os estudos selecionados responderam a estes itens e foram incluídos na presente revisão.

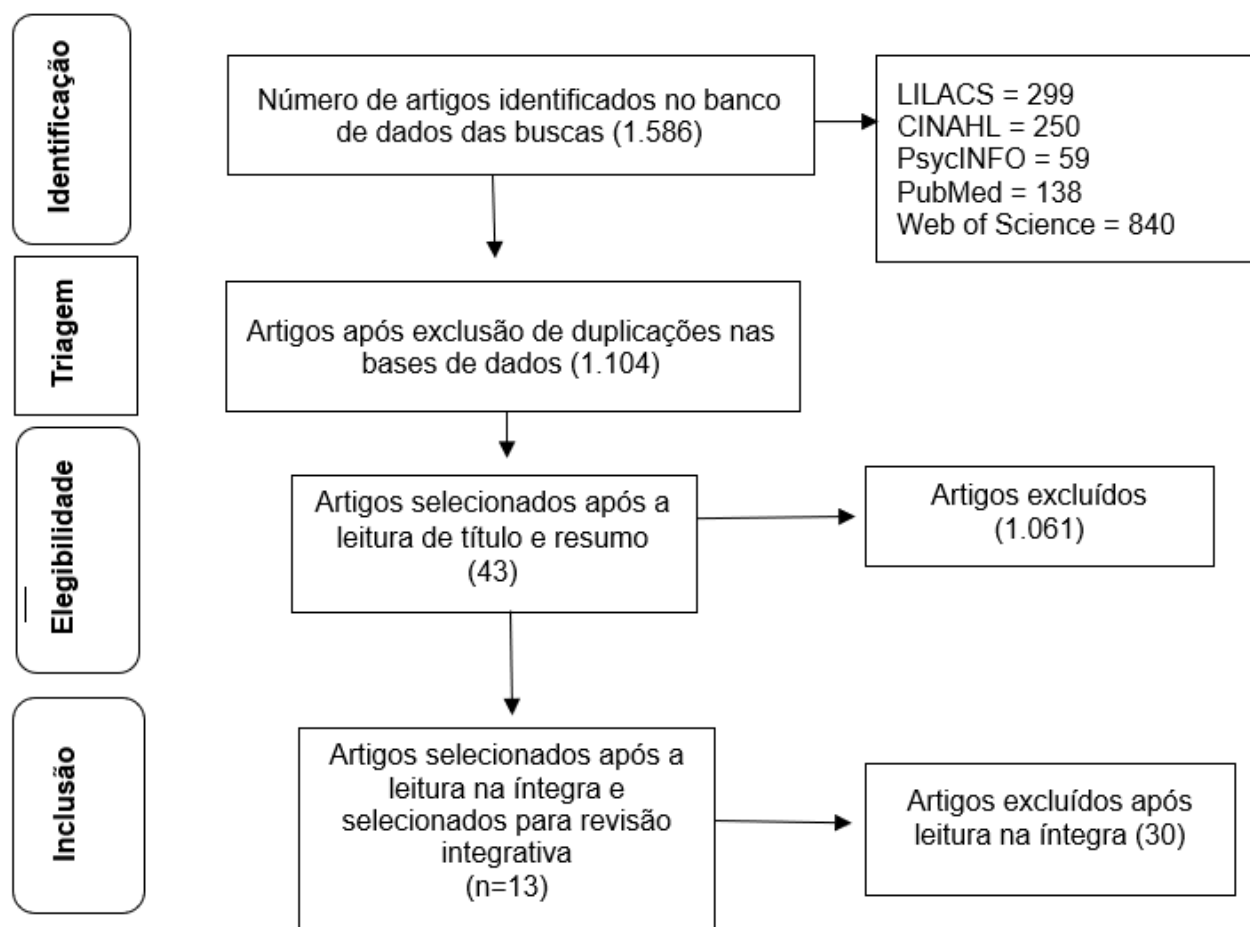
Em situação de desacordos entre os revisores em relação aos dados extraídos, foi acionado um terceiro pesquisador para avaliar a inclusão ou não do estudo, tendo como referência a publicação original. Em seguida, foram realizadas as etapas de categorização e identificação, e foi elaborada a discussão crítica dos resultados, para compor as conclusões quanto ao objeto de estudo e limitações.

Resultados

Nas buscas em todas as bases de dados, foram obtidos 1.586 artigos para a pesquisa. Foram excluídas 482 por duplicações, ficando então 1.104 estudos para as etapas de seleção. Pela triagem do título e análise dos resumos, foram excluídos 1.061 estudos, sendo 107 por não estarem disponíveis nos idiomas inglês e/ou português, 75 por apresentarem no título o método de revisão da literatura, 458 estudos pela faixa etária além da primeira infância, 412 artigos por apresentarem assuntos distintos ao *bullying* na primeira infância, seis eram livros e/ou capítulos de livros e três estudos por apresentarem no resumo os anos fora do período entre 2009 e 2019.

A partir dessa etapa, foram selecionados 43 estudos para a leitura na íntegra. A Figura 1 apresenta as informações referentes a cada etapa de obtenção de dados, de acordo com as recomendações da ferramenta *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA) (MOHER et al., 2009).

Figura 1 - Fluxograma PRISMA dos artigos encontrados nas bases de dados PUBMED/MEDLINE, LILACS, CINAHL, Web of Science E PSYCOINFO. Ribeirão Preto, SP, Brasil, 2020.



Fonte: dados da pesquisa (2020).

Dos 43 estudos, 30 foram excluídos, sendo 15 por serem com crianças acima de seis anos de idade, quatro que retratam o *bullying* na perspectiva dos professores, um estudo por analisar a lógica penal da vitimização do *bullying*, nove estudos por não estarem voltados para a questão norteadora da pesquisa e uma investigação por se tratar de estudo de reflexão, não identificado no resumo. Assim, 13 estudos foram selecionados para análise. O Quadro 2 apresenta uma síntese dos estudos selecionados para esta revisão integrativa.

<http://dx.doi.org/10.5902/1984686X61983>

Quadro 2 - Distribuição dos estudos selecionados de acordo com título, autores, país, objetivos e método. Ribeirão Preto, SP, Brasil, 2020.

(continua)

Título	Autores	País	Objetivo	Método
1.Warning signs of preschool victimization using the strengths and difficulties questionnaire: prevalence and individual and family risk factors	NAVARRO et al., 2019	Espanha	Relatar a prevalência e os fatores de risco de sinais de alerta de vitimização na pré-escola, conforme avaliado pelo SDQ, um questionário de triagem amplamente utilizado relatado por pais e professores.	Estudo Longitudinal
2.Mothers' difficulties and expectations for intervention of <i>bullying</i> among young <i>children</i> in South Korea	LEE; JU, 2019	Coreia do Sul	Investigar as dificuldades das mães em lidar com o <i>bullying</i> de seus filhos e suas expectativas em relação à intervenção de <i>bullying</i> para crianças pequenas na Coreia do Sul.	Abordagem Qualitativa
3.Peer-victimization of young <i>children</i> with developmental and behavioral difficulties-a population-based study	OKSENDAL et al., 2019	Noruega	Investigar se crianças pequenas com dificuldades de desenvolvimento e comportamento têm maior risco de vitimização por pares em comparação com crianças com desenvolvimento típico.	Estudo de coorte
4.Children's voices on <i>bullying</i> in Kindergarten	HELGELAND; LUND, 2017	Noruega	Examinar e discutir o <i>bullying</i> no jardim de infância.	Abordagem Qualitativa
5.Peer victimization and peer rejection during early <i>childhood</i>	GOLDLESKI et al., 2015	Estados Unidos da América	Explorar lacunas e limitações sobre vitimização e rejeição por pares e, em particular, as associações prospectivas entre vitimização relacional e física e rejeição de pares de 3 a 5 anos de idade.	Estudo Longitudinal curto prazo
6.Parenting style influences <i>bullying</i> : a longitudinal study comparing <i>children</i> with and without behavioural problems	RAJENDRAN; KRUSZEWSKI; HALPERIN, 2015	Estados Unidos da América	Examinar diferenças no <i>bullying</i> em crianças com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade e Transtorno Desafiador de Oposição e crianças sem esses transtornos.	Estudo Longitudinal prospectivo
7.With whom and where you play: preschoolers' social context predicts peer victimization	ANDREWS et al., 2014	Estados Unidos da América	Examinar características do contexto social da criança em idade pré-escolar (tamanho do grupo de brincadeiras, composição de gênero dos grupos de brincadeiras e ambiente de brincadeiras) que influenciam mudanças na vitimização de crianças em idade pré-escolar.	Estudo Longitudinal curto prazo

<http://dx.doi.org/10.5902/1984686X61983>

Quadro 2 - Distribuição dos estudos selecionados de acordo com título, autores, país, objetivos e método. Ribeirão Preto, SP, Brasil, 2020.

(conclusão)

8. Teacher and peer reports of Overweight and <i>bullying</i> among young primary school <i>children</i>	JANSENS et al., 2014	Holanda	Examinar se o sobrepeso ou a obesidade estão associados à vitimização e à prática de <i>bullying</i> em crianças de 5 a 6 anos de idade nas primeiras séries do ensino fundamental.	Estudo Transversal
9. The relationship between emotional competence and hostile/prosocial behavior in Albanian preschoolers: An exploratory study	FARINA; BELACCHI, 2014	Albânia	Explorar as relações entre a competência socioemocional dos pré-escolares albaneses e sua tendência atribuída a assumir papéis pró-sociais e/ou hostis.	Estudo controlado randomizado
10. Aggressive interactions during free-play at preschool of <i>children</i> with and without developmental coordination disorder	KENNEDY-BEHR; RODGER; MICKAN, 2013	Alemanha	Explorar e comparar os incidentes de agressão e vitimização durante o brincar livre na pré-escola de crianças com e sem transtorno de coordenação no desenvolvimento.	Estudo quase-experimental
11. National prevalence of peer victimization among young <i>children</i> with disabilities in the United States	SON; PARISH; PETERSON, 2012	Estados Unidos da América	Analisar uma amostra nacional e representativa para examinar a vitimização por pares de crianças pequenas com deficiência	Estudo de prevalência
12. Prevenção da violência escolar: avaliação de um programa de intervenção	MENDES, 2011	Portugal	Avaliar os resultados de um programa anti-violência escolar, implementado em 307 crianças do segundo ciclo de uma escola de Lisboa.	Estudo de pesquisa-ação
13. Individual differences in the development of early peer aggression: Integrating contributions of self-regulation, theory of mind, and parenting	OLSON et al., 2011	Estados Unidos da América	Identificar preditores em idade pré-escolar da agressão de crianças após a transição para a escola.	Estudo Longitudinal prospectivo

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Após a extração dos dados, os resultados foram organizados, codificados, por meio da interpretação dos resultados dos estudos selecionados, originando as categorias temáticas: *Bullying* na primeira infância: aspectos relacionais e contextuais; Cuidados parentais adversos e interações agressivas; *Bullying* em crianças em circunstâncias específicas.

Bullying na primeira infância: aspectos relacionais e contextuais

Os estudos selecionados apontaram divergências entre o sexo masculino/feminino e os níveis de agressividade, de comportamentos problemáticos e da frequência do *bullying*.

Crianças entre três e seis anos de idade apresentaram níveis mais altos de agressão, entre meninos quando comparados a meninas da mesma idade (OLSON et al., 2011). O referido estudo identificou, ainda que os meninos receberam mais punição corporal dos pais e possuem níveis mais baixos de compreensão do que meninas, tendo por base a teoria da mente. A teoria da mente está relacionada à habilidade das crianças de compreenderem seus próprios estados mentais e dos outros, e dessa maneira, predizem suas ações e comportamentos (OLSON et al., 2011).

Outro estudo também indicou que os meninos apresentam níveis mais altos em relação à vitimização e ao comportamento problemático em relação às meninas (ANDREWS et al., 2014). Todavia, os meninos apresentaram maior proporção de interações sociais entre pares, com uma comunicação mais efetiva e cooperação em atividades, para entender semelhanças e negociar diferenças (ANDREWS et al., 2014). Nesta investigação, a interação social foi verificada a partir da proposta de jogos em grupos, e para os meninos, esta estratégia revelou um efeito favorável, visto que passaram mais tempo jogando e interagindo entre pares, e conseqüentemente, houve redução da vitimização.

Embora neste estudo o sexo tenha sido explorado como um fator que pudesse potencializar o *bullying*, suas análises preliminares sugeriram que este aspecto não foi significativo, e o que foi destacado referiu-se a importância de controlar os subtipos de vitimização física e de agressão, ao examinar as associações prospectivas únicas entre rejeição de pares e vitimização relacional (ANDREWS et al., 2014).

A associação entre vitimização relacional, definida por atos que prejudicam o relacionamento entre pares, como excluir de atividades, disseminar fofocas ou mentiras, difamação, comentários maldosos e críticos, e a rejeição por pares é preocupante por contribuir para o aumento da vulnerabilidade das crianças e para as experiências negativas, mesmo entre crianças muito pequenas (GODLESKI et al., 2015; NAVARRO et al., 2019). A rejeição por pares desempenha um papel importante na previsão de aumento na vitimização relacional, mesmo quando há controle da vitimização física (GODLESKI et al., 2015).

<http://dx.doi.org/10.5902/1984686X61983>

Um estudo espanhol acrescentou a estes aspectos, a relação de fatores contextuais com o aumento da vitimização por pares, como pertencer a uma família de baixo status socioeconômico e a dificuldade inicial em fazer amigos (NAVARRO et al., 2019).

Outro estudo mostrou os aspectos referentes aos sentimentos que envolviam as crianças vítimas do *bullying*. Para elas, a exclusão das brincadeiras, principalmente por seus colegas ou melhores amigos, é o que lhes causa mais temor, com sentimento de tristeza e frustração, mostrando o quanto essas crianças podem tornar-se vulneráveis no convívio entre os pares, com consequências futuras para o seu desenvolvimento (HELGELAND; LUND, 2017).

O detalhamento dos tipos de vitimização física e as características da agressão têm relevância para um exame mais minucioso da relação entre rejeição de pares e vitimização relacional (GODLESKI et al., 2015). Coadunando com estes aspectos, estudos ressaltam que os processos de inclusão e exclusão no jardim de infância são muito importantes (FARINA; BELACCHI, 2014; LEE; JU, 2019), o que sugere que devem ser amplamente pesquisados por meio de abordagens qualitativas e quantitativas, com informações dos funcionários, educadores, cuidadores parentais e crianças.

Cuidados parentais adversos e interações agressivas

Em relação à parentalidade, os estudos selecionados enfatizaram que a relação entre cuidadores parentais e filhos em situações de *bullying* pode impactar a agressividade na primeira infância e em outras etapas da vida.

Crianças pequenas que sofreram punição corporal pelos cuidadores parentais apresentaram repercussões na pré-escola, com interações agressivas entre pares (OLSON et al., 2011). Além disso, o sistema patriarcal pode promover uma atitude submissa nas meninas que limita o comportamento proativo manifesto, hostil ou pró-social (FARINA; BELACCHI, 2014).

Os comportamentos dos pais e mães jovens foram analisados a partir da responsividade materna agressiva e da punição corporal parental, por exemplo, palmadas, agarrões e agitações (OLSON et al., 2011). Quando os dois aspectos citados foram introduzidos simultaneamente, apenas o castigo corporal contribuiu para maiores taxas de agressão. Quando os níveis de agressão entre colegas na pré-escola foram controlados, foi observado que a receptividade agressiva da mãe contribuiu para agressão em idade

<http://dx.doi.org/10.5902/1984686X61983>

escolar. A investigação mostrou que o castigo corporal foi estatisticamente significativa para a agressividade das crianças (OLSON et al., 2011).

Outra questão a ser destacada é o contexto familiar, e particularmente, a falta de um dos cônjuges, que podem potencializar o ser agressor, sobretudo, de famílias monoparentais (MENDES, 2011; FARINA; BELACCHU, 2014). A monoparentalidade pode se constituir em fator de vulnerabilidade ao *bullying* na infância e adolescência, associada ao aumento do estresse familiar e situações adversas na família, influenciando no comportamento e desenvolvimento (MENDES, 2011; FARINA; BELACCHI, 2014).

Outro elemento investigado foi o apoio dos cuidadores parentais à autonomia da criança entre quatro e cinco anos de idade, que apresentou redução no *bullying* em comparação aos que não receberam ou receberam pouco apoio (RAJENDRAN; KRUSZEWSKI; HALPERIN, 2016). Tais resultados sugerem a relevância da construção da autonomia na infância no contexto familiar, para gerar contribuições de longo alcance.

Bullying em crianças em circunstâncias específicas

Situações relacionadas à imagem corporal, mental e comportamental podem influenciar e aumentar a frequência do *bullying* na primeira infância.

Em crianças com alto Índice de Massa Corporal (IMC) foi encontrado um aumento *bullying* físico, verbal e desprezo social, mais especificamente entre meninos (JANSEN et al., 2014). Os resultados do referido estudo sugerem que crianças obesas apresentam maior risco de serem vítimas do *bullying* do que as com peso adequado e, na questão de gênero, os meninos apresentaram mais risco de serem agredidos do que as meninas, de acordo com os relatos dos professores. Ainda, o estudo aponta que a perpetração do *bullying* foi analisada por uma interação entre IMC e sexo, em que um IMC mais alto previa níveis mais altos de *bullying* físico, verbal e relacional, mas não de *bullying* material e de vitimização.

Outras situações como os transtornos psiquiátricos e deficiências também foram investigadas. Em pré-escolares de três a cinco anos foram encontrados altos níveis de *bullying* em crianças diagnosticadas com transtornos psiquiátricos, com três vezes mais chances de serem classificadas como vítimas ou vítimas agressivas em relação a outras crianças (BELDEN; GAFFREY; LUBY, 2012). A referida investigação identificou que crianças diagnosticadas com distúrbios disruptivos, depressivos e em uso de ansiolíticos apresentaram seis vezes mais chances de se tornarem vítimas de agressão.

<http://dx.doi.org/10.5902/1984686X61983>

Em relação às deficiências (visual, auditiva, emocional, mental, comportamental, dificuldades de aprendizagem, comprometimento ortopédico e de linguagem), um estudo demonstrou alta incidência de *bullying*, sendo que quase um terço das crianças participantes foram vítimas por pares e a prevalência de vitimização por pares aumentou conforme o passar dos três anos do estudo longitudinal (SON; PARISH; PETERSON, 2012). Neste estudo, nas crianças com três anos de idade, foi identificada a vitimização relacional como a mais comum e, quando completaram quatro e cinco anos a vitimização verbal foi a mais frequente. Os autores enfatizam que a vitimização de pares é um problema social sério, com implicações negativas ao desenvolvimento psicossocial das crianças.

Crianças com diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e Transtorno Desafiador de Oposição (TDO) também foram investigadas em outro estudo, e foram associadas com mais frequência a sofrerem os primeiros atos do *bullying* (ofensas e rejeição), além de possuir maior risco de assédio moral (RAJENDRAN; KRUSZEWSKI; HALPERIN, 2016). As mais propensas à intimidação foram as com TDAH e sem TDO, diferente das que possuem os dois diagnósticos, com mais propensão a sofrer assédio moral em relação a crianças sem esses diagnósticos.

Crianças com transtornos de coordenação do desenvolvimento e de comportamento também foram analisadas e foi encontrado que são mais expostas às agressões, inclusive as físicas proativas, como golpes, agarrões e chutes, do que as crianças sem estes diagnósticos (KENNEDY-BEHR; RODGER; MICKAN, 2013; OKSENDAL et al., 2019). Uma parcela das crianças entre quatro e seis anos de idade estava envolvida em uma interação agressiva, seja como agressor ou vítima (KENNEDY-BEHR; RODGER; MICKAN, 2013). Esses resultados indicam que as crianças com transtornos de coordenação do desenvolvimento e de comportamento foram envolvidas com mais frequência no *bullying* e estavam mais sujeitas a sofrerem ataque agressivo do que as crianças sem estes transtornos.

Discussão

Os resultados dos artigos científicos analisados nesta revisão evidenciam a relação do *bullying* na primeira infância com os aspectos emocionais e contextuais, os cuidados parentais e circunstâncias ligadas a interações agressivas, e situações do *bullying* em crianças obesas, com transtornos psiquiátricos, desenvolvimento e deficiências.

<http://dx.doi.org/10.5902/1984686X61983>

Entre os aspectos contextuais, os estudos demonstraram que meninos na faixa etária entre três e seis anos de idade sofrem mais agressão, vitimização, proporção de comportamento problemático, quando comparados com meninas da mesma idade (OLSON et al., 2011; ANDREWS et al., 2014). Outro estudo, que incluiu crianças maiores, com idade média de 12 anos, também verificou que há maior vitimização pelos meninos em todos os tipos de *bullying*, sendo o psicológico o mais comum, em seguida o *bullying* físico e por último o *bullying* virtual (MARCOLINO et al., 2018). Todavia, há estudo (SILVA; DASCANIO; VALLE, 2016) que contradiz estes desfechos, visto que encontrou a situação de ser vítima de *bullying* mais em meninas.

A respeito de cometer alguma agressão física contra os colegas, pelo menos uma vez, estudo realizado com crianças em outra faixa etária, entre oito e 16 anos, constatou que os meninos tiveram maior participação, já o *bullying* verbal é o mais frequente entre meninas (ZEQUINÃO et al., 2016). Outro estudo identificou que o *bullying* sofrido pelos meninos e meninas entre 12 e 15 anos foi diferente, as meninas apresentaram formas mais veladas de agressividade, como a fofoca, e os meninos foram mais agressivos fisicamente (SILVA; DASCANEO; VALLE, 2016).

Em relação aos cuidados parentais, a literatura científica analisada indica que o uso de castigos físicos ou medidas disciplinares severas são ligadas às situações de *bullying* na infância. Crianças que sofrem punição corporal dos pais tendem a manifestar interações agressivas com seus colegas na pré-escola (KNOUS-WESFALL et al., 2012). Cuidadores parentais que dão suporte aos filhos vítimas de *bullying*, compartilham ideias, apoiam na tarefa escolar e conversam com os filhos, podem contribuir para romper o ciclo de violência e abusos, e a desenvolver mecanismos de enfrentamento (LEE; JU, 2019).

Interações familiares positivas podem se constituir em fator de proteção em situação de vitimização ao *bullying*. Por outro lado, interações negativas podem potencializar a vulnerabilidade de envolvimento seja como agressores, vítimas e vítimas-agressores, uma vez que suas experiências no contexto e interação familiar irão influenciar no seu desenvolvimento social (OLIVEIRA et al., 2020). A organização e a relação familiar podem influenciar a construção de habilidades e respostas sociais, que podem potencializar ou reduzir a vulnerabilidade em relação ao *bullying*, seja enquanto vítima ou agressor (OLIVEIRA et al., 2018).

Um estudo com crianças e adolescentes na idade entre 10 e 17 anos mostrou que pais que possuem vínculos com os amigos dos filhos têm menos chances de se envolverem

em situações de *bullying* (SHETGIRI; LIN; FLORES, 2013). Ademais, outra investigação verificou que a supervisão de adultos pode contribuir para a introspecção sobre a dificuldade de lidar e construir relacionamentos sociais e grupais (CUERVO; MARTINEZ; ACUNÃ, 2012). Portanto, é muito importante a mediação na participação dos cuidadores parentais na vida dos filhos, sem prejuízos ao desenvolvimento e às interações sociais da criança.

A família desenvolve um papel fundamental na construção da personalidade e comportamento do indivíduo, pois sua relação intrafamiliar influencia sobremaneira nas ações tomadas pelas crianças e adolescentes no meio externo, e o ambiente familiar contribui muito na sua conduta frente ao *bullying* (SILVA; ARAÚJO, 2015). Em geral, os agressores e/ou vítimas tendem a ter relações parentais endurecidas, pais autoritários, com menos sentimentos de envolvimento, empatia familiar e maiores níveis de castigos punitivos, considerados pouco assertivos, podendo ter maior vulnerabilidade de se envolverem em situações de *bullying* (FARIA, 2020).

Investigações ressaltam que contextos familiares desfavoráveis e/ou com um estilo parental negligente e com poucas regras, deixando a criança de lado ou se for autoritário com recurso a punições físicas, as probabilidades de potencializar uma reação/ação desajustada da criança são altas, sendo mais provável a criança envolver-se em situações de *bullying* (ALMEIDA; FOFONKA; WEISS, 2017; OLIVEIRA et al., 2020).

Deste modo, é possível observar que relacionamentos e dinâmicas familiares protetivos, proativos e positivos podem contribuir para o não envolvimento em situações de *bullying*, em contraposição aos relacionamentos fragilizados e conflituosos que podem gerar comportamentos de violência, a exemplo do *bullying*, que sugerem ter a finalidade de superar e ou manifestar suas frustrações e conflitos relacionados à vida familiar e social.

No contexto do *bullying* por circunstâncias específicas, um estudo retrata, por meio de uma revisão da literatura, que o *bullying* principalmente contra crianças com necessidades especiais está se tornando cada vez mais frequente nas escolas, expondo mais as vulnerabilidades de seu estado de saúde como alvos fáceis (SANTOS; LOPES, 2017). Esses aspectos são semelhantes aos relatados nos estudos analisados na presente revisão (SON; PARISH; PETERSON, 2012; KENNEDY-BEHR; RODGER; MICKAN, 2013; RAJENDRAN; KRUSZEWSKI; HALPERIN, 2016; OKSENDAL et al., 2019), o que sugere a necessidade de atenção nas escolas para evitar situações constrangedoras e contribuir para que as crianças não se afastem da escola.

<http://dx.doi.org/10.5902/1984686X61983>

Na escola, as crianças desenvolvem os primeiros relacionamentos além da sua família. Para tanto, é necessário que a instituição escolar saiba estabelecer comparativos para distinção do *bullying* e de outras violências escolares, valorizando a solidariedade e a tolerância, para que tais valores sejam trabalhados com os alunos, mesmo quando pequenos (SILVA; ARAÚJO, 2015; NAVARRO et al., 2019).

Neste sentido, é imprescindível a reflexão sobre o papel e a interferência dos diferentes contextos de socialização, a exemplo da família, da escola e da sociedade, na emergência de comportamentos agressivos. Na realidade brasileira, as relações estabelecidas na comunidade escolar no desenvolvimento das atividades pedagógicas estão permeadas, de modo contundente, por variadas formas de violência, reproduzindo a vida social extramuros escolar. A violência escolar tem suscitado investigações, não só em função da contradição que ela representa em relação à missão educativa da escola, mas pelas consequências a longo prazo que dela podem decorrer.

Estudo sobre o estresse na infância (SHONKOFF; GARNER, 2012) aponta que existem três tipos de estresse: estresse positivo: caracterizado como um estresse normal, fundamental para o desenvolvimento da criança, com algumas elevações da frequência cardíaca; estresse tolerável: algumas dificuldades que são suportáveis, limitada no tempo e necessitam do auxílio de um adulto para que a criança consiga se adaptar, havendo a recuperação do cérebro e outros órgãos nas quais poderiam ser prejudiciais; estresse tóxico: quando a criança vivencia situações adversas constantes e prolongadas, tais como abuso físico, negligência e violência. Essas situações podem afetar o desenvolvimento da arquitetura do cérebro e outros órgãos do corpo, aumentando o risco de doenças no decorrer dos anos (SHONKOFF; GARNER, 2012). Nesse sentido, as questões que envolvem o *bullying* na primeira infância podem estar muito atreladas ao processo de estresse tóxico e suas repercussões no desenvolvimento da criança em longo alcance.

Para além deste aspecto, há que se problematizar o fato das crianças estarem presenciando, ainda na infância, enquanto observadoras, as ocorrências de *bullying* e a consequente aprendizagem por observação, uma vez que expostas a este modelo de violência entre pares, de forma repetitiva, seu comportamento pode ser afetado. Esse caminho pode facilitar a reprodução de um comportamento aprendido e, ao longo do seu desenvolvimento, internalizar o comportamento agressivo como forma de resolver conflitos e de se empoderar.

<http://dx.doi.org/10.5902/1984686X61983>

Assim, as medidas de proteção e prevenção do *bullying* são essenciais, tanto em contextos familiares quanto da área da saúde e da educação (LEE; JU, 2019). Promover as habilidades sociais na primeira infância é de extrema importância para fortalecer as práticas *antibullying* assim como o incremento das ações intersetoriais – escola e saúde – para potencializar a qualidade de vida, da saúde e do aprendizado, contribuindo para a construção da autonomia e das interações sociais.

Conclusão

A presente revisão analisou 13 artigos científicos distribuídos em três continentes, e trouxe evidências importantes sobre as repercussões do *bullying*, particularmente para a faixa etária entre os três e seis anos de idade.

O *bullying* foi mais identificado em meninos do que meninas da mesma idade e a rejeição por pares desempenhou papel importante no aumento da vitimização das crianças. Outro aspecto elencado foi o contexto da parentalidade, em que crianças que sofrem castigo corporal por parte dos cuidadores parentais apresentaram maiores índices de interações agressivas entre pares.

Em contextos de apoio parental e estímulo à autonomia das crianças há indicativos de redução do *bullying* na primeira infância, sugerindo que o ambiente que a criança está inserida e as interações estabelecidas repercutem no seu desenvolvimento. O *bullying* foi também caracterizado em circunstâncias específicas, em crianças com IMC elevado e com transtornos psiquiátricos, psicológicos ou deficiências, que apresentaram mais chances de serem vítimas de agressão em relação às outras crianças.

Ademais, o estudo trouxe a importância de investigar o *bullying* na primeira infância para apontar as repercussões para a vida das crianças e em longo alcance, visto que este período é de extrema relevância para o desenvolvimento humano. Neste contexto, há premência na obtenção de subsídios que permitam promover mais o desenvolvimento adequado na primeira infância, considerando que o *bullying* é um problema atual, desafiador e quando identificado oportunamente, desde os primeiros anos, pode ter grande impacto no desenvolvimento socioemocional.

Os cuidadores parentais, educadores e profissionais da saúde devem reconhecer as repercussões geradas pelo *bullying* enquanto estresse tóxico, na primeira infância e para a vida adolescente e adulta e, assim, incrementar as medidas de proteção e prevenção, que são essenciais tanto em contextos familiares quanto na área da saúde e da educação.

<http://dx.doi.org/10.5902/1984686X61983>

As limitações deste estudo estão relacionadas à produção do conhecimento em sua maioria por países desenvolvidos e em nível internacional, reduzindo a análise de elementos para a realidade brasileira. Ao mesmo tempo, o delineamento de poucos estudos e de estudos qualitativos pode conter apreensão insuficiente do tema, pela falta de análises sobre percepções, significados e sentidos sobre o *bullying* na primeira infância. Cabe apontar que experiências relacionadas ao desenvolvimento na primeira infância têm implicações singulares e contextuais, considerando especificidades sociais, emocionais e culturais e, desse modo, novas pesquisas poderão trazer outros elementos que abordem o tema em diferentes conjunturas.

Referências

ALMEIDA, Loreni Dutra; FOFONKA, Luciana; WEISS, Claudia Suéli. Violência, ética, moral e *bullying* no espaço escolar. **Revista Maiêutica - Estudos Linguísticos, Literários e Formação Docente**. Indaial, v. 5, n. 1, p. 53-62, 2017. Disponível em: https://publicacao.uniasselvi.com.br/index.php/LED_EaD/article/view/1751/859. Acesso em: 09 jul. 2020.

ANDREWS, Naomi C. Z. et al. With whom and where you play: preschoolers' social context predicts peer victimization. **Social Development**. Oxford, v. 23, n. 2, p. 357-75, 2014. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4052953>. Acesso em: 09 jan. 2020.

BARZILAY, Shira. et al. (2017). *Bullying* victimization and suicide ideation and behavior among adolescents in Europe: a 10-country study. **Journal of Adolescent Health**. New York, v. 61, n. 2, p. 179-86, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2017.02.002>. Acesso em: 23 dez. 2020.

BELDEN, Andy C.; GAFFREY, Michael S.; LUBY, Joan L. Relational aggression in *children* with preschool-onset psychiatric disorders. **Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry**. Baltimore, v. 51, n. 9, p. 889-901, 2012. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22917202> Acesso em: 09 jan. 2020.

BEYEA, Suzanne C.; NICOLL, Leslie H. Writing an integrative review. **AORN Journal: the office voice of perioperative nursing**. [s.i.], v. 67, n. 4, p. 877-88, 1998. Disponível em: <https://aornjournal.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1016/S0001-2092%2806%2962653-7?sid=nlm%3Apubmed>. Acesso em: 26 dez. 2020.

CUERVO, Ángel Alberto Valdés; MARTÍNEZ, Ernesto Alonso Carlos; ACUÑA, Gisela Margarita Torres. Diferencias en la situación socioeconómica, clima y ajuste familiar de estudiantes con reportes de *bullying* y sin ellos. **Psicología desde el Caribe**. Barranquilla, v. 29, n. 3, p. 616-31, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/213/21328599004.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2020.

<http://dx.doi.org/10.5902/1984686X61983>

FARIA, Jeana Taize. O papel dos pais no desenvolvimento da resiliência em vítimas de *bullying* escolar. **Cadernos Brasileiro de Saúde Mental**. Florianópolis, v. 12, n. 3, p. 1-14, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/69671>. Acesso em: 05 ago. 2020.

FARINA, Eleonora; BELACCHI, Carmem. The relationship between emotional competence and hostile/prosocial behavior in Albanian preschoolers: an exploratory study. **School Psychology International**. Miami, v. 35, n. 5, p. 475-84, 2014. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0143034313511011>. Acesso em: 10 jul. 2020.

FLEMING, Lila C.; JACOBSEN, Kathryn H. *Bullying* among middle-school students in low and middle income countries. **Health Promotion International**. Oxford, v. 25, n. 1, p. 73-84, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/heapro/dap046>. Acesso em: 23 dez. 2020.

FREIRE, Alane Novais; AIRES, Januária Silva. A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do *Bullying*. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 55-60, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572012000100006>. Acesso em: 30 dez. 2020.

GODLESKI, Stephanie A. et al. Peer victimization and peer rejection during early *childhood*. **Journal of clinical child and adolescent psychology**. London, v. 44, n. 3, p. 380-92, 2015. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/25133659>. Acesso em: 09 jan. 2020.

HELGELAND, Anne; LUND, Ingrid. *Children's voices on bullying* in Kindergarten. **Early Childhood Education Journal**. [s.l.], v. 45, n. 1, p. 133-41, 2017. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10643-016-0784-z>. Acesso em: 09 jan. 2020.

IBEZIAKO, Patricia. et al. *Bullying* victimization in medically hospitalized patients with somatic symptom and related disorders: prevalence and associated factors. **Hospital pediatrics**. Elk Grove Village, v. 6, n. 5, p. 290-6, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1542/hpeds.2015-0207>. Acesso em: 10 ago. 2020.

JANSEN, Pauline W. et al. Teacher and peer reports of overweight and *bullying* among young primary school *children*. **Pediatrics**. Springfield, v. 134, n. 3, p. 473-80, 2014. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/25157018>. Acesso em: 09 jan. 2020.

KENNEDY-BEHR, Ann; RODGER, Sylvia A.; MICKAN, Sharon. Aggressive interactions during free-play at preschool of *children* with and without developmental coordination disorder. **Research in developmental disabilities**. New York, v. 34, n. 9, p. 2831-7, 2013. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23796458>. Acesso em: 09 jan. 2020.

KNOUS-WESTFALL, Heather M. et al. Parental intimate partner violence, parenting practices, and adolescent peer *bullying*: a prospective study. **Journal of Child and Family Studies**. South Carolina, v. 21, p. 754-66, 2012. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10826-011-9528-2>. Acesso em: 05 jul. 2020.

<http://dx.doi.org/10.5902/1984686X61983>

KONTAK, Julia C. H. et al. The relationship between *bullying* behaviours in *childhood* and physician-diagnosed internalizing disorders. **Canadian Journal of Public Health**. Ottawa, v. 110, n. 4, p. 497-505, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.17269/s41997-019-00179-3>. Acesso em: 10 ago. 2020.

LEE, Seung-há; JU, Hyun-jung. Mothers' difficulties and expectations for intervention of *bullying* among young *children* in South Korea. **International Journal of Environmental Research and Public Health**. Basel, v. 16, n. 6, p. 924, 2019. Disponível em: <http://doi.org/10.3390/ijerph16060924>. Acesso em: 09 jan. 2020.

MARCOLINO, Emanuella de Castro. et al. *Bullying*: prevalência e fatores associados à vitimização e à agressão no cotidiano escolar. **Texto & Contexto – Enfermagem**. Florianópolis, v. 27, n. 1, e5500016, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tce/v27n1/0104-0707-tce-27-01-e5500016.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2020.

MELLO, Flávia C. M. et al. A prática de *bullying* entre escolares brasileiros e fatores associados, pesquisa nacional de saúde do escolar 2015. **Ciência & Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 22, n. 9, p. 2939-48, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232017229.12762017>. Acesso em: 23 dez. 2020.

MENDES, Carla Silva. Prevenção da violência escolar: avaliação de um programa de intervenção. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**. São Paulo, v. 45, n. 3, p. 581-8, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342011000300005. Acesso em: 10 jul. 2020.

MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVÃO, Cristina Maria. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & Contexto – Enfermagem**. Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 758-64, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072008000400018. Acesso em: 09 jan. 2020.

MOHER, David. et al. Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: the PRISMA statement. **Plos Medicine**. San Francisco, v. 15, n. 4, p. 264-9, 2009. Disponível em: <https://www.acpjournals.org/doi/10.7326/0003-4819-151-4-200908180-00135>. Acesso em: 07 jul. 2020.

MOORE, Tim. et al. **The first thousand days**: an evidence paper. Victoria: Centre for Community *Child* Health, 2017.

NAVARRO, Jose-Blas. et al. Warning signs of preschool victimization using the strengths and difficulties questionnaire: prevalence and individual and family risk factors. **Plos One**. San Francisco, v. 14, n. 8, p. e0221580, 2019. Disponível em: <http://doi.org/10.1371/journal.pone.0221580>. Acesso em: 10 jan. 2020.

NATIONAL CENTER FOR EDUCATION STATISTICS. **Student reports of bullying**: results from the 2015 school crime supplement to the national crime victimization survey. Department of Education: Washington, 2016.

<http://dx.doi.org/10.5902/1984686X61983>

OKSENDAL, Elise. et al. Peer-victimization of young *children* with developmental and behavioral difficulties - a population-based study. **Journal of Pediatric Psychology**. Washington, v. 44, n. 5, p. 589-600, 2019. Disponível em: <http://doi.org/10.1093/jpepsy/jsy112>. Acesso em: 10 jan. 2020.

OLIVEIRA, Wanderlei Abadio. et al. Family interactions and the involvement of adolescents in *bullying* situations from a bioecological perspective. **Estudos em Psicologia**. Campinas, v. 37, e180094, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e180094>. Acesso em: 10 ago. 2020.

OLIVEIRA, Wanderlei Abadio. et al. Revisão sistemática sobre *bullying* e família: uma análise a partir dos sistemas bioecológicos. **Revista de Salud Pública**. Bogotá, v. 20, n. 3, p. 396-403, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.15446/rsap.V20n3.47748>. Acesso em: 12 ago. 2020.

OLSON, Sheryl. et al. Individual differences in the development of early peer aggression: Integrating contributions of self-regulation, theory of mind, and parenting. **Development and Psychopathology**. New York, v. 23, n. 1, p. 253-66, 2011. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/21262052>. Acesso em: 09 jan. 2020.

OLWEUS, Dan. School *bullying*: development and some important challenges. **Annual review of clinical psychology**. Palo Alto, v. 9, n. 1, p. 751-780, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1146/annurev-clinpsy-050212-185516>. Acesso em: 30 dez. 2020.

RAJENDRAN, Khushmand; KRUSZEWSKI, Edyta; HALPERIN, Jeffrey M. Parenting style influences *bullying*: A longitudinal study comparing *children* with and without behavioural problems. **Journal of Child Psychology and Psychiatry, and Allied Disciplines**. New York, v. 57, n. 2, p. 188-95, 2016. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4670820>. Acesso em: 09 jan. 2020.

SANTOS, Cristiane Flores; LOPES, Fernando José. O *bullying* na escola em crianças com hemofilia. **Revista de Pós-graduação Multidisciplinar**. São Paulo, v. 1, n. 1, p. 353-60, 2017. Disponível em: <http://fics.edu.br/index.php/rpigm/article/view/524/572>. Acesso em: 08 jul. 2020.

SCHULTZ Naiane Carvalho Wendt, et al. A compreensão sistêmica do *bullying*. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 17, n. 2, p. 247-54, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722012000200008>. Acesso em: 30 dez. 2020.

SHETGIRI, Rashmi; LIN, Hua Lin; FLORES, Glenn. Trends in risk and protective factors for *child bullying* perpetration in the United States. **Child Psychiatry and Human Development**. New York, v. 44, n. 1, p. 89-104, 2013. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/22661150>. Acesso em: 05 jul. 2020.

SHONKOFF, Jack P. Protecting brains, not simply stimulating minds. **Science**. Washington, v. 333, n. 6045, p. 982-3, 2011. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/21852492>. Acesso em: 09 jan. 2020.

SHONKOFF, Jack P.; BOYCE, Thomas; McEWEN, Bruce S. Neuroscience, molecular biology, and the *childhood* roots of health disparities: building a new framework for health promotion and disease prevention. **JAMA**. Chicago, v. 301, n. 21, p. 2252-9, 2009. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19491187>. Acesso em: 09 jan. 2020.

<http://dx.doi.org/10.5902/1984686X61983>

SHONKOFF, Jack P.; GARNER, Andrew S. The lifelong effects of early *childhood* adversity and toxic stress. **Pediatrics**. Springfield, v. 129, n. 1, e232-46, 2012. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22201156>. Acesso em: 09 jan. 2020.

SILVA, Anne Heracléia Brito; ARAÚJO, Laiane de Sousa. *Bullying*: uma expressão da questão social. **Serviço Social & Realidade**. Franca, v. 24, n. 2, p. 127-42, 2015. Disponível em: <https://periodicos.franca.unesp.br/index.php/SSR/article/view/2738/2341>. Acesso em: 08 jul. 2020.

SILVA, Fernanda; DASCANIO, Denise; VALLE, Tânia Gracy Martins. O fenômeno *bullying*: diferenças entre meninos e meninas. **Revista Reflexão e Ação**. Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 26-46, 2016. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/7014/pdf>. Acesso em: 05 jul. 2020.

SILVA, Jorge Luiz. et al. Intervention in social skills and *bullying*. **Revista Brasileira de Enfermagem**. Brasília, v. 71, n. 3, p. 1085-91, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0151>. Acesso em: 17 ago. 2020.

SILVA, Jorge Luiz. et al. Revisão sistemática da literatura sobre intervenções *antibullying* em escolas. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 7, p. 2329-40, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232017227.16242015> Acesso em: 30 dez. 2020.

SON, Esther; PARISH, Susan L.; PETERSON, Andrew. National prevalence of peer victimization among young *children* with disabilities in the United States. **Children and Youth Services Review**. [s.i], v. 34, n. 8, p. 1540-5, 2012. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0190740912001727#aep-keywords-id11>. Acesso em: 09 jan. 2020.

THOMAS, Hannah J. et al. Prevalence and correlates of *bullying* victimization and perpetration in a nationally representative sample of Australian youth. **The Australian and New Zealand journal of psychiatry**. London, v. 51, n. 9, p. 909-20, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0004867417707819>. Acesso em: 17 ago. 2020.

ZEQUINÃO, Marcela Almeida. et al. *Bullying* escolar: um fenômeno multifacetado. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 42, n. 1, p. 181-98, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v42n1/1517-9702-ep-42-1-0181.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2020.

ZYCH, Izabela. et al. **Springer briefs in psychology**. Protecting *children* against *bullying* and its consequences. New York, USA: Springer Science + Business Media, 2017. Disponível em: <http://doi.org/10.1007/978-3-319-53028-4>. Acesso em: 23 dez. 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International (CC BY-NC 4.0)